

A AMEAÇA DOS ESTEREÓTIPOS A INTERFERÊNCIA SOCIAL NOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS

Israel Jairo Santos

1. INTRODUÇÃO

Na psicologia social tem crescido cada vez mais o interesse de pesquisadores em investigar os efeitos dos processos sociais em dimensões específicas da vida dos indivíduos (Quinn, Kallen, & Spencer, 2010). Particularmente na teoria das relações intergrupais (Tajfel, 1981), observa-se um novo olhar sobre a dinâmica social que desnaturaliza processos intergrupais anteriormente vistos como naturais (Cabecinhas, 2007; Krüger, 2004; Lima, 2013). Os estereótipos, fenômeno produzido nas relações intergrupais, e que impacta a percepção de si, a identidade, e as escolhas pessoais; são exemplos de fenômenos sociais que interferem nos processos psicológicos dos indivíduos através da ameaça que representam (Steele & Aronson, 1995). No presente capítulo analisa-se teoricamente o construto Ameaça dos Estereótipos.

Dentre os fenômenos intergrupais, os estereótipos ou imagens mentais que se inter cruzam com a realidade (Lippmann, 1922), resultam da simplificação e distorção da mesma (Krüger, 2013; Moya, 1999; Tajfel, 1981; Techio, 2011). Esses, destacam-se pelo seu papel de perpetuação da dominação. Sobretudo, os estereótipos negativos servem aos grupos dominantes na preservação de suas ideologias

e posições hierárquicas (Brown, 2010; Tajfel, 1981, 1982; Techio, 2011). Caracterizam-se por serem resistentes ao tempo, conservando-se mesmo em meio aos mais variados avanços sociais da vida moderna, constituindo também as bases que fundamentam as desigualdades sociais.

Uma vez que os estereótipos possuem ação eficaz sobre as expectativas e julgamentos sociais (Brown, 2010; Picho & Brown, 2011; Tajfel, 1981), os estudos buscam aferir o seu grau de interferência na vida dos indivíduos, ao mesmo tempo em que desvelam as consequências e as causas desses. Contudo, se os estereótipos em si já possuem esta ação potencializada de distorção da realidade, num contexto em que haja a possibilidade de confirmação de um estereótipo negativo, qual seria a amplitude e impacto desta ameaça para o sujeito? Esse aspecto foi analisado por Steele e Aronson (1995) na Teoria da Ameaça do Estereótipo.

O objetivo do presente capítulo é analisar teoricamente o construto Ameaça dos Estereótipos. Especificamente, pretende-se apresentar as bases conceituais desse fenômeno, suas influências nas distintas categorias sociais e na identidade social, bem como os mecanismos que tornam os estereótipos do próprio grupo ameaçadores.

A teoria ameaça do estereótipo (TAE) investiga as formas e dimensões do impacto dos estereótipos na cognição do sujeito ameaçado, ou seja, a dimensão social interferindo na cognição individual. O fenômeno processa-se em um contexto intergrupar, quando há estereótipos negativos compartilhados a respeito do grupo de um indivíduo, e este encontra-se em situação na qual sinta-se ameaçado frente à possibilidade de confirmar como característica individual o estereótipo do grupo. Diante da percepção desta realidade situacional, a teoria pontua que o sujeito terá seu desempenho na tarefa comprometido e o resultado diminuído (Steele & Aronson, 1995).

Em outras palavras, a teoria postula que o desempenho na realização de uma determinada tarefa num cenário social será significativamente diminuído se o indivíduo pertencer a um grupo social que tem estereótipos negativos relacionados à execução da tarefa. O mesmo acontecerá quando eles forem submetidos à situação ameaçadora em que suponham que o seu rendimento será analisado por crenças estereotipadas a respeito de seu grupo (Silva & Pereira, 2009; Steele, 1997; Wout, Shih, Jackson, & Sellers, 2009). A ameaça do estereótipo é, portanto, um fenômeno psicológico que rebaixa o desempenho do indivíduo, e circunscreve a instabilidade e preocupação em confirmar um estereótipo negativo a respeito do próprio grupo de pertencimento (Picho & Brow, 2011; Murphy & Taylor, 2012; Lewis & Sekaquaptewa, 2016).

De certo, os estereótipos tornam-se indispensáveis ao indivíduo, visto que eles ajudam na compreensão do mundo social e constroem a realidade cognitiva do sujeito (Brown, 2010). Entretanto, ao analisar o papel dos estereótipos nas relações intergrupais, surgem questionamentos quanto aos efeitos antecipatórios que ele provoca no sujeito pertencente ao grupo alvo da estereotipia. As consequências do contexto ameaçador seriam meros reforçadores dos estereótipos? Ou mesmo, quais grupos estão sujeitos a experimentar a ameaça? A partir destes questionamentos, buscaremos esclarecer conceitualmente a TAE e seus aspectos constitutivos. Para tal, abordaremos distintamente as informações teóricas a partir de quatro seções, de modo que os assuntos abordados trarão maiores informações de como processa-se a dinâmica cognitiva no indivíduo a ponto de prejudicá-lo socialmente.

2. A HISTÓRIA DO CONCEITO

Os estudos sobre como processavam-se as experiências para os indivíduos que tinham suas identidades estereotipadas foram escassos no campo da psicologia social até o final da década de 1980. Foi somente a partir dos anos 1990 que houve um crescente interesse de pesquisas as quais objetivavam a compreensão da percepção e do enfrentamento que os indivíduos alvos de preconceito e discriminação adotariam e de como tal condição afetava a realidade (Quinn, Kallen, & Spencer, 2010).

Uma das análises sociais que as pesquisas sobre estereótipos buscavam elucidar era o porquê da existência de diferenças no desempenho dos grupos étnicos raciais na avaliação das habilidades acadêmicas dos sujeitos. A realidade teórica que se apresentava à época era a de que as diferenças grupais tinham como explicação o processo de socialização (e.g., Eccles, Jacobs, & Harold, 1990), a situação socioeconômica (e.g., White, 1982) ou mesmo as equivocadas diferenças genéticas de inteligência entre os grupos humanos (e.g., Herrnstein & Murray, 1994). Contudo, conforme Quinn et al. (2010) argumentaram, a TAE diferenciou-se destas outras formas de análise sobre a estereotipia.

Steele e Aronson (1995) foram os primeiros a empregar o termo “ameaça do estereótipo” na literatura psicológica. Eles investigaram a experiência do indivíduo que é alvo de um estereótipo negativo e os possíveis fatores que declinariam o desempenho intelectual de estudantes negros. Os autores não aceitavam as explicações sociais para abarcar o fenômeno da diferença intergrupar que caracterizava os grupos raciais estadunidenses pelo grau de inteligência e ou pelas limitações que lhe eram impostas na vida social; embora estas imposições

fossem vistas como condição natural dos grupos alvos de estereotipia negativa (Murphy & Taylor, 2012). Steele e Aronson (1995) examinaram como os estereótipos negativos poderiam constituir-se em agentes que reduziriam o desempenho intelectual dos indivíduos pertencentes ao grupo estigmatizado.

A exposição conceitual da TAE (Steele & Aronson, 1995) significou uma quebra de paradigma nos estudos sobre o desempenho dos universitários negros, uma vez que as explicações a respeito das diferenças de desempenho intelectual nos testes eram creditadas às diferenças culturais ou à falta de preparo dos negros. A teoria, portanto, proporcionou uma ampliação no campo de investigação dos psicólogos sociais que buscavam os porquês do desempenho intelectual rebaixado nos membros dos grupos que eram alvos de estereótipos negativos (Murphy & Taylor, 2012).

A TAE trouxe uma perspectiva situacional para a compreensão das causas do declínio nos resultados dos testes de inteligência. Imaginemos que um jovem X, considerado pelos seus professores como um aluno de desempenho escolar excelente, disciplinado e aplicado, o qual, durante toda a sua vida acadêmica, frequentou uma mesma escola pública. Entretanto, os estereótipos dos alunos da escola de “X” eram: despreparados, semialfabetizados e pouco inteligentes. Certo dia, o jovem “X” e outros alunos preparam-se para realizar uma prova idealizada pela secretaria de educação de sua cidade. Momentos antes da aplicação da prova, o jovem “X” fica sabendo por meio do aplicador que é o único aluno de escola pública presente e todos os outros eram provenientes da rede particular, cujos estereótipos não possuíam nenhuma relação com o desempenho acadêmico. O aplicador faz uma breve apresentação dos alunos informando a qual escola cada participante pertencia, acrescentando ainda a informação de que a prova visa avaliar o nível de competência acadêmica ou de inteligência dos candidatos. Como este desenho situacional afetaria o desempenho do jovem “X”? Pode-se dizer que o resultado decorreu de uma condição situacional se o decréscimo no desempenho surge em função da saliência do estereótipo negativo. Ou seja, se no exemplo em questão, o aplicador não fizesse menção à origem grupal dos participantes (escolas de procedência) ou ao estereótipo do grupo (competência acadêmica), talvez o jovem não tivesse motivos para temer confirmar como característica particular, o estereótipo que é de seu grupo de pertença (Quinn et al., 2010).

Ademais, dois pontos são demasiadamente importantes sobre a compreensão da TAE no que se refere à perspectiva de situação ameaçadora. O primeiro deles diz respeito ao diagnóstico que o teste proporciona e o poder nele investido

de revelar, ou não, habilidades e potencialidades do sujeito. Já o segundo é referente à relevância que possuem os estereótipos para a tarefa a ser realizada, ou seja, de como a estereotipia negativa a respeito do grupo se torna um preditor para a realização da tarefa. Deste modo, a correlação dos dois fatores caracteriza a situação de ameaça a qual o indivíduo possa ser submetido em situação de testagem (Steele & Aronson, 1995; Steele, 1997).

Os pressupostos teóricos da TAE foram evidenciados no estudo de Steele e Aronson (1995) realizado com estudantes universitários brancos e negros norte-americanos. Eles foram submetidos a um teste de habilidade verbal de difícil nível de realização (o “Record Examination” Verbal Pós-Graduação – GRE). Os participantes foram divididos em três grupos de amostra interracial distintos. Para um dos grupos, o teste foi descrito como uma atividade diagnóstica da capacidade intelectual do sujeito, um teste de Q.I. Tornando, desta forma, o estereótipo racial sobre a capacidade intelectual relevante para o desempenho dos participantes negros, dada a estereotipia de inferior capacidade intelectual partilhada na sociedade norte-americana a respeito dos negros; estabelecendo, de tal modo, a ameaça para os participantes deste grupo na possibilidade de reafirmar ou comprovar a estereotipia a respeito do grupo a partir dos resultados do exame.

Já ao segundo grupo foi atribuída uma condição de não ameaça. O mesmo teste foi descrito aos participantes como uma simples tarefa experimental de resolução de problemas. Assim, a informação dada ao segundo grupo manteve o estereótipo racial sobre a capacidade de desempenho irrelevante, ou melhor, inexistente, dentro do contexto controlado da pesquisa. E ao terceiro grupo, a atividade foi apresentada como um desafio intelectual, de igual modo sem a presença da ameaça, no qual os indivíduos eram incentivados para a conclusão de toda a tarefa.

Os resultados deste experimento mostraram que apenas os estudantes negros que pertenceram ao grupo no qual a tarefa foi apresentada como “diagnóstica” tiveram um desempenho inferior aos brancos que pertenciam à mesma amostra experimental. Os negros do grupo de condição experimental tiveram resultados significativamente inferiores aos negros que pertenceram aos outros dois grupos experimentais. E entre os integrantes do grupo 2, no qual a tarefa não era “diagnóstica”, houve uma relativa equivalência nos resultados das amostras dos dois grupos étnicos.

De forma semelhante, testando os mesmos pressupostos, o padrão de TAE foi empregado em um estudo com mulheres no domínio da matemática (Spencer,

Steele, & Quinn, 1999). Os autores se aproveitaram dos estereótipos negativos compartilhados sobre a categoria social “mulheres”, especificamente, de que as elas são de capacidade inferior aos homens no domínio da matemática. Durante a realização do teste que avaliava o desempenho individual, num contexto em que o grupo de participantes era misto, o aplicador discute sobre as diferenças de gênero no domínio da matemática que foram historicamente construídas e explicita que a aplicação do teste seria uma medida avaliativa da possível comprovação de que os estereótipos a respeito das mulheres fossem verídicos.

Como resultado, mais uma vez o grupo que esteve na condição da ameaça do estereótipo teve seu rendimento diminuído. Entretanto, em um outro grupo também misto, no qual não houve referência ao estereótipo negativo das mulheres na situação da testagem, estas desempenharam a tarefa em grau de equivalência aos homens. De modo que com a TAE, proposta por Steele e Aronson (1995), pôde-se constituir novas bases para o entendimento das diferenças intergrupais considerando-se o desempenho de seus membros, entendendo que tais diferenças de desempenho entre os grupos sociais podem ser anuladas por mudanças situacionais do contexto (Quinn et al., 2010).

Um breve exame dos resultados da TAE, podem dar a impressão que essa teoria se dedica à compreensão do comportamento e ações dos grupos minoritários ou mesmo historicamente estereotipados. Entretanto, será que podemos de fato entender que a TAE seja para explicar apenas estes agrupamentos?

3. QUAIS GRUPOS EXPERIMENTAM A AMEAÇA DOS ESTEREÓTIPOS?

Após Steele e Aronson (1995) apresentarem uma nova perspectiva situacional para se compreender a realidade das diferenças negativas no desempenho dos grupos estigmatizados, várias pesquisas reproduziram os efeitos antecipatórios da ameaça dos estereótipos e as consequências dela no contexto situacional. Muitos estudos investigaram a dinâmica racial em situação de teste intelectual (Blascovich, Spencer, Quinn, & Steele, 2001; Deaux et al., 2007; Steele & Aronson, 1995; Silva & Pereira, 2009), outros avaliaram a condição de gênero, sinalizando os efeitos sobre as mulheres quando salientados os estereótipos no domínio da matemática e espacial (Inzlicht & Ben-Zeev, 2000; Johns, Schmader, & Martens, 2005; Quinn et al., 2010; Schmader & Johns, 2003).

Entretanto, a aplicabilidade da teoria não se limita às dinâmicas raciais e/ou de gênero. Diversos grupos e minorias também foram alvos de pesquisas nos mais variados modelos possíveis. Há estudos em que foram salientados os efeitos dos estereótipos em grupos etários, associando raça e gênero, com

crianças pequenas (McKown & Weinstein, 2003; Neuville & Croizet, 2007) e adolescentes (Keller, 2002). Outros avaliaram a estereotipia associada à condição socioeconômica (Croizet & Millet, 2011) e também com interfaces racial e de gênero (Croizet & Claire, 1998).

O mesmo efeito da TAE foi encontrado no estudo de Levy (1996), realizado na “Harvard University”, no qual a tarefa avaliaria a capacidade de memorização de idosos. Os sujeitos foram separados em grupos e, para um deles, a tarefa foi aplicada após serem evocados os estereótipos negativos dos idosos. Constatou-se, então, que tanto o desempenho cognitivo quanto o julgamento a respeito de si foram alterados no grupo que foi submetido à condição ameaçadora, em relação ao grupo em que não foram suscitadas as estereotipias quanto ao desempenho do idoso.

Huber, Brown e Sternad (2016) avaliaram os efeitos da TAE além do comprometimento cognitivo, afetando o sistema sensorio-motor como resultado de um contexto de ameaça. Os participantes foram avaliados em seu desempenho motor numa tarefa em que cada sujeito, em uma simulação virtual de um jogo de tênis, emitiria movimentos semelhantes ao rebater e quicar a bola virtual no chão. A condição de ameaça foi exposta a um dos grupos pela evocação dos estereótipos positivos dos homens no domínio de matemática e noções espaciais apresentadas pelo aplicador como necessárias para a realização da tarefa. Os resultados demonstraram que as mulheres submetidas à ameaça do estereótipo tiveram seu desempenho inferior quando comparado ao grupo que não foi submetido à ameaça, e igualmente inferior quando comparado ao grupo dos homens pertencentes às duas condições de controle da pesquisa.

O diferencial da TAE está no seu aspecto situacional (Quinn et al., 2010), logo esta peculiaridade a torna mais adequada para os estudos dos estigmas sociais, de modo que as pesquisas apresentadas levam a pensar que a teoria pode ser aplicada a todos os grupos sociais, desde que sejam salientados os estereótipos negativos deles. Conseqüentemente, considerando-se que a ameaça do estereótipo é uma condição situacional, e são múltiplas as estereotipias, a respeito do grupo, podendo ser positivas e negativas, a TAE não se aplica apenas aos grupos minoritários. Assim, os grupos majoritários também podem ser alvos de situações ameaçadoras.

Aronson et al. (1999) averiguaram o aspecto da teoria no qual postula que a aplicabilidade do conceito não se limita apenas aos membros dos grupos dominados na dinâmica intergrupala. Pois a condição ameaçadora é passível a todos indivíduos, isso porque os estereótipos são diversos e múltiplas são as

identidades assumidas pelos sujeitos nos mais variados conceitos. Na pesquisa realizada com estudantes norte-americanos do sexo masculino, de etnia branca, com altos escores de desempenho no *Scholastic Aptitude Test* (SAT), foi testada a possibilidade de eles experimentarem o declínio em seu desempenho em face de uma condição ameaçadora. No experimento, os participantes foram informados que realizariam um teste de difícil execução, no qual os asiáticos tinham história de superior desempenho aos dos brancos. Da mesma forma, o teste matemático foi aplicado em um grupo em que não foi salientado a estereotipia positiva dos asiáticos. E mais uma vez, os resultados apontaram para o que postula a teoria: os integrantes do grupo ameaçado, neste experimento os brancos, obtiveram um desempenho inferior ao dos asiáticos e aos dos brancos que pertenceram ao grupo na condição de “não ameaça”.

Em seu experimento, Pansu et al. (2015) testaram a ameaça do estereótipo no grupo de gênero. Porém, o autor analisou o grupo dos homens alvo da estereotipia no experimento em que media a capacidade de leitura de pessoas do sexo masculino, comparando-os a um grupo de mulheres, corroborando assim com a ideia apresentada por Murphy e Taylor (2012) de que todas as pessoas podem experimentar a condição da ameaça dos estereótipos, muito embora a maior frequência social deste fenômeno se processe na análise dos grupos que estejam em desvantagem social.

De fato, a literatura vem comprovando esta especificidade de que a TAE não está limitada a grupos que foram historicamente estereotipados (e.g., Leyens, Desert, Croizet, & Darcis, 2000; Koenig & Eagly, 2005; Kray, Galinsky, & Thompson, 2002), mas sim, ameaça do estereótipo está intimamente ligada à contextualização situacional, podendo ser empregada a todos os grupos que possuem estereótipos negativos (Quinn et al., 2010).

Assim, concluímos que o cerne da ameaça do estereótipo é o próprio estereótipo, conforme Quinn et al. (2010). Isto porque é ele que assume importante papel dentro das características situacionais que influenciarão o desempenho do sujeito alvo. Portanto, a ameaça dos estereótipos não se limita às problemáticas das dinâmicas intergrupais apenas no tocante a raça e gênero, ou mesmo minorias, mas também elas podem emergir de situações em que a idade, o status social, ou outras identidades sociais estejam em destaque. A evidência produzida a partir dos resultados das pesquisas sobre TAE comprova seu impacto em grau elevado no indivíduo. Contudo, o fato de o sujeito sentir-se ameaçado é um aspecto que merece maiores esclarecimentos, porque dele decorrerão interferências ou não na percepção da ameaça.

4. AMEAÇA DO ESTEREÓTIPO E A IDENTIDADE SOCIAL

A identificação com o grupo é um aspecto significativo na análise da ameaça dos estereótipos, pois através dela o sujeito avalia uma situação como ameaçadora. A teoria da identidade social (Tajfel & Turner, 1986) pressupõem que cada indivíduo possui múltiplas identidades sociais em conformidade com os grupos aos quais pertença, e que estas são importantes para ele pois definem seu lugar no mundo, a exemplo das identidades de gênero, raça e profissional. Os autores citados afirmam ainda que a autoestima e o autovalor dependem do modo pelo qual o próprio grupo é percebido socialmente, de modo que se atributos negativos relativos ao próprio grupo de pertencimento são salientados, o sujeito pode sentir-se ameaçado em sua identidade, e isso terá impacto sobre sua autoestima e sobre seu comportamento.

A identificação do indivíduo com o grupo é tão significativa para o conceito da TAE que estudos revelam que o grau de identificação estará intimamente ligado à percepção da situação como ameaçadora ou não, de modo que quanto maior a identificação do sujeito com o grupo estereotipado, maior será a vulnerabilidade dele às situações que ele possa perceber como ameaçadoras (Aronson, et al., 1999; Steele, Spencer, & Aronson, 2002).

Em outras palavras, a ameaça do estereótipo é percebida pelo sujeito quando há identificação dele com o grupo, e consciência dos estereótipos construídos e compartilhados na comunidade (Murphy & Taylor, 2012). O declínio no desempenho ocorre somente no contexto em que o sujeito alvo tem internalizado os estereótipos negativos a respeito do grupo e passa a vê-lo como um atributo próprio ou do grupo ao qual pertence (Quinn et al., 2010). Assim, o conhecimento dos estereótipos sociais do próprio grupo, somado à consciência de que esses podem ser aplicados à própria identidade, são condições para a percepção de ameaça à identidade do indivíduo. Condição essa que estabelece um processo de vigilância no qual o indivíduo buscará mais informações ambientais que possam certificá-lo do possível risco; caracterizando a ameaça em termos cognitivos (Quinn, et al., 2010; Picho & Brown, 2011; Murphy & Taylor, 2012). Consequentemente, na tentativa de encontrar informações ameaçadoras à identidade, é possível que o sujeito, erroneamente perceba até em informações que em outras circunstâncias não teriam nenhum destaque, um caráter ameaçador. A exemplo do gênero ou raça do instrutor de uma avaliação, como testaram Kaiser, Vick e Major (2006) e Wout et al. (2009).

Já na infância, a ameaça do estereótipo produz seus efeitos, como evidenciou McKown e Weinstein (2003). Os autores se pautaram no argumento de que

o conhecimento sobre o estereótipo é necessário para que a ameaça se efetive de fato, e avaliaram como a compreensão dos estereótipos grupais em crianças de seis a dez anos modificava-se para a consciência dos estereótipos negativos de seu grupo. Os resultados evidenciaram que as habilidades para inferir os estereótipos dos grupos aumenta com a idade, assim como a consciência dos estereótipos relativos às habilidades acadêmicas de grupos estigmatizados e não estigmatizados. As crianças dos grupos étnicos estigmatizados (negras e latinas), em todas as faixas etárias, mostraram-se mais conscientes dos estereótipos a respeito de seu próprio grupo, e apresentaram os efeitos negativos da ameaça dos estereótipos reduzindo seu desempenho nas tarefas realizadas.

Igualmente, os efeitos da ameaça dos estereótipos em indivíduos pertencentes a múltiplos grupos, a exemplo da interação gênero e etnia, foram investigados por Gonzales, Blanton e Williams (2002). Para isso, universitários brancos e latinos foram alocados aleatoriamente em grupos experimentais nas condições “ameaça e não ameaça” para realizarem um difícil teste de matemática. Ao grupo da condição de ameaça, a instrução foi acrescida da informação que seria uma medida diagnóstica da capacidade individual. Tal procedimento foi baseado nos estereótipos negativos a respeito dos latinos e das mulheres no domínio da matemática. Os resultados demonstraram que os latinos que integraram o grupo “ameaça” tiveram o desempenho inferior quando comparado ao desempenho dos brancos nas duas condições experimentais. Já as mulheres latino-americanas que integraram o grupo de ameaça tiveram o pior desempenho de todos os grupos analisados. Desse modo, evidenciou-se o efeito negativo da ameaça do estereótipo quando se enfatiza a dupla identidade minoritária, ser mulher e ser latina.

Assim, pode-se ver que o fenômeno da ameaça do estereótipo exerce uma pressão mental extra e suficiente para produzir interferência no desempenho (ver Britto & Lomonaco, 1983; Otta et al., 1983). Para Picho e Brown (2011), dois aspectos subjazem à compreensão dos mecanismos que produzem a alteração do desempenho em situação de ameaça. O primeiro refere-se ao fato de que a ameaça induz a um estado ansiogênico, o que seria altamente prejudicial ao desempenho da atividade, aspecto que pode ser confirmado nos estudos de Schmader (2002) e Spencer, Steele e Quinn (1999). Já no segundo, num nível crônico, a ameaça do estereótipo provocaria uma despersonalização, podendo este processo ser entendido como um desinvestimento do indivíduo na realização da tarefa, no qual o sujeito se desengaja da atividade, perdendo interesse nela (Steele, 1997). De acordo com essa perspectiva, em indivíduo que tenha

consciência dos estereótipos negativos de seu grupo, se submetido a longo prazo a situações ameaçadoras, será eliciado um processo de desidentificação com a tarefa que de forma lenta se enraizará e manifestar-se-á tarde demais para ser remediado (Picho & Brown, 2011), conforme investigaram Ambady, Shih, Kim e Pittinsky (2001) e Huguet e Regner (2007), os quais concluíram haver relação da desidentificação das mulheres com a matemática, pois elas são inseridas em settings ameaçadores desde o ensino fundamental.

Analisando a realidade processual da desidentificação, preocupa-nos a forma como a estereotipia dos grupos veste-se de uma verdade baseada na ação comportamental dos membros do grupo alvo. Entretanto, essa verdade é fruto de uma realidade ameaçadora, porém vista pelo grupo dominante como uma ação confirmatória de algum atributo negativo, de forma que se cristaliza ainda mais as crenças a respeito dos grupos e minorias (Picho & Brown, 2011).

A ameaça do estereótipo, portanto, tende a favorecer a confirmação de estereotipias em membros de grupos baixo status que experimenta toda a perturbação cognitiva, comportamental e emocional que a própria ameaça à identidade estigmatizada proporciona. Sendo este processo ameaçador configurado de diversas formas através das sugestões situacionais, produzindo a grande fonte de ameaça que será percebida pelo indivíduo, aspectos que discutiremos na seção a seguir.

5. MANIPULANDO A AMEAÇA E OS PROCESSOS MEDIADORES DA ATIVAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS

Cientes de que a TAE é pautada na relação entre a consciência da estereotipia do grupo e a iminência da realização de uma determinada tarefa, é ressaltada a necessidade de esclarecimentos sobre como se processa o emprego da ameaça situacional proposta pela teoria. Se diversas situações reais de estereotipia acontecem no cotidiano das relações intergrupais, envolvendo os mais variados aspectos, como é forjado o enquadramento da realidade de ameaça intergrupar num contexto controlado, próprio para o experimento?

Os estudos que averiguam a aplicabilidade da TAE dão ênfase à estereotipia, ou sutilmente sugerem que os estereótipos são importantes para o desempenho e realização da tarefa (Murphy & Taylor, 2012). A exemplo, nas pesquisas com estereótipos de gênero e o domínio da matemática, o experimentador apresenta como pista ameaçadora a informação de que os homens são superiores às mulheres no desempenho em matemática (e.g., Beilock, Rydell, & McConnell,

2007; Keller, 2002), ou explicita que os resultados dos testes das mulheres serão comparados aos dos homens para se averiguar a veracidade da estereotipia (e.g., Rosenthal, Crisp, & Suen, 2007). Há também estudos em que a ameaça foi instaurada apenas pela informação ao participante de que a atividade se tratava de um diagnóstico de sua capacidade intelectual, então o “setting” composto pelos sujeitos daria conta de evocar os estereótipos do grupo ao qual o participante identificasse-se (Steele & Aronson, 1995; Pansu *et al.*, 2015).

E há ainda estudos que ao avaliarem a ameaça exercida sobre minorias raciais, manipularam a variável raça do experimentador como uma condição ameaçadora. Por exemplo, no estudo de Marx e Goff (2005) os participantes foram recrutados para a realização de um teste verbal divididos em quatro grupos diferentes, de modo que a condição de ameaça do estereótipo e não ameaça fosse testada por experimentador de etnia branca e negra. A ameaça foi manipulada pela informação do caráter diagnóstico do teste, pela autoidentificação da etnia do participante e, posteriormente ao teste, pelo questionário de relato da experiência da ameaça. Outro experimento que teve objetivo semelhante foi o de Danso e Esses (2001), que investigava se a identificação do avaliado com a etnia do experimentador anulava o efeito da manipulação da ameaça. Os participantes foram recebidos para realização de um teste de matemática de alto nível de dificuldade por aplicadores brancos e negros, entretanto, o processo foi individualizado, programado e intencional.

A pesquisa teve um desenho 2x2 composta pela etnia do aplicador e a condição de “feedback” e “não feedback” da atividade realizada. A condição de “não feedback” forjava o entendimento no participante de que o resultado do teste de matemática não o avaliaria individualmente em questões de desempenho. Para o grupo na condição de “feedback”, a ação ganharia um teor avaliativo da capacidade individual e seria ampliada a ameaça de ser confirmado o estereótipo de seu grupo pelo aplicador. Como previsto, a raça do aplicador teve grande importância para realização do teste. Em ambas as condições de análise, o de “feedback” e “não feedback” em que o aplicador era negro, os participantes tiveram melhor desempenho quando comparado ao grupo de condições de análise em que o aplicador era branco.

De um modo geral, os experimentos de Marx e Goff (2005) e Danso e Esses (2001) ratificam a necessidade de problematizar uma manipulação da ameaça constituída a partir da etnia do aplicador do experimento, inclusive em casos em que o experimento foi realizado inteiramente por meio virtual, como no estudo de Wout *et al.* (2009), no qual o recorte racial do aplicador se constituiu numa

variável que interferiu nos resultados de maneira significativa. Num contexto geral, a literatura apresenta que a manipulação da ameaça pode ser efetivada em variadas facetas e podem ser construídas a partir de diferentes realidades e aplicações da teoria a diferentes contextos e grupos, a exemplo de gênero, raça, idade, fator socioeconômico e outros, desde que configurem um cenário social em que os estereótipos sejam sugeridos como relevantes para o indivíduo alvo. Entretanto, a manipulação da ameaça contempla apenas a forma de fazer o alvo sentir-se ameaçado, permanecendo uma lacuna sobre os porquês do comprometimento do desempenho do sujeito, como quais seriam os processos psicológicos que acontecem entre o hiato da ativação do estereótipo e o efetivo desempenho do sujeito.

Os primeiros estudos que propuseram medir diferentes fatores cognitivos estariam subjacentes ao processo de ativação dos estereótipos e, por conseguinte, relacionar-se-ia ao comportamento do sujeito e seu baixo desempenho. Foram eles os de Steele e Aronson (1995). Na pesquisa, autores investigaram a distração, a competência acadêmica e o valor pessoal como sendo os fatores que interfeririam nos resultados. Houve pesquisas que se detiveram sobre o endosso dos estereótipos (Leyens et al., 2000), ou mesmo a apreciação de avaliação da autoeficácia (O'Brien & Crandall, 2003; Spencer, Steele, & Quinn, 1999), a autoestima (Levy & Langer, 1994), o esforço percebido e dificuldade da tarefa (Keller & Dauenheimer, 2003). Entretanto, os mediadores relatados não foram fortes, pois os resultados consideravelmente variados enfraqueceram a abordagem defendida pelos autores.

Houve estudos em que a ansiedade foi avaliada como mediadora do baixo desempenho. Spencer, Steele e Quinn (1999) e Osborne (2001) apresentaram resultados da ansiedade interferindo parcialmente nos efeitos da ameaça dos estereótipos. No entanto, houve também outros estudos em que não foi encontrada nenhuma evidência da ansiedade como mediadora (Gonzales, Blanton, & Williams, 2002; Schamader & Johns, 2003), caracterizando uma situação de evidências mistas. Entretanto, foram as pesquisas que avaliaram a ansiedade por meio de respostas fisiológicas que deram à ansiedade o maior peso teórico como mediadora da ameaça do estereótipo (Quinn et al., 2010). Blascovich et al. (2001) constataram experimentalmente que em situação de ameaça, os negros apresentaram pressão arterial significativamente aumentada, se comparada aos níveis de pressão dos negros da condição de “não ameaça” e a dos brancos nas duas condições experimentais. Resultados semelhantes também foram encontrados no estudo de Osborne (2007) com recorte de gênero e que avaliava a pressão

arterial e a temperatura da pele das mulheres ameaçadas. Resultados positivos foram também encontrados por Cadinu, Maass, Rosabianca e Kiesner (2005), que avaliaram a interferência dos pensamentos intrusivos em situação de teste como mediadores que influenciariam no desempenho das mulheres que estavam sob a ameaça dos estereótipos.

Numa perspectiva pouco investigada, estudos argumentaram que a redução da capacidade de memória de trabalho teve efeito no decréscimo do desempenho (ver Beilock, Rydell, & McConnell, 2007; Schmader & Johns, 2003). Outras pesquisas, como as de O'Brien e Crandall (2003) e a de Ben-Zeev, Fein e Inzlicht (2005), analisaram a excitação como um moderador que influenciaria no desempenho, ou seja, o estereótipo provoca uma excitação e esta, provocada pela ameaça, levaria a uma alteração no desempenho.

Em suma, a literatura a respeito da avaliação dos mecanismos que operam como mediadores entre ameaça e o comportamento emitido passaram de autorrelatos conscientes, para medidas implícitas de ansiedade e excitação, até chegar a medidas não conscientes de diminuição da memória de trabalho (Quinn et al., 2010). Entretanto, de modo algum os relatos aqui apresentados abrangem a totalidade de pesquisas e perspectivas de análise e estudo sobre o tema. Pela variabilidade de estereótipos e possíveis situações em que ele exerça interferência na vida do sujeito, parece provável que a ameaça dos estereótipos seja operada por múltiplos caminhos, ou que existam vários tipos de ameaça, cada uma com seu próprio mecanismo de mediação (Quinn et al., 2010)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo teve como objetivo analisar teoricamente o construto Ameaça dos Estereótipos, a partir das bases conceituais e dos aspectos intergrupais a ele relacionados, de modo que a análise nos possibilitou um espaço para esclarecimento sobre o construto e a constatação do elevado grau de importância que ele possui para a compreensão da realidade psicossocial do indivíduo circunscrita na dinâmica intergrupar em contextos estereotipados.

A aplicabilidade teórica do construto é amplamente comprovada pelos resultados dos estudos experimentais que, através do manejo controlado, ensaiam situações reais da vida cotidiana que em muito se assemelham à realidade das dinâmicas intergrupais de pertencimento aos grupos e os efeitos sobre a identidade ameaçada pela possível confirmação de um estereótipo negativo.

O contexto da ameaça dos estereótipos favorece que a realidade social seja forjada pelas crenças compartilhadas entre os grupos sociais, tornando-se cada

vez mais limitadoras do indivíduo que se vê prestes a confirmar um atributo negativo a respeito de seu grupo como uma característica própria. Os efeitos deletérios da ameaça do estereótipo resultam diretamente numa debilidade do domínio cognitivo do sujeito. Pois o alvo, diante da preocupação em confirmar um estereótipo, dispensará energia cognitiva, numa diversificada realidade de fatores, o que resultará na debilidade percebida no desempenho, sendo interpretada erroneamente pelo senso comum como confirmação do estereótipo.

O campo sobre os efeitos da ameaça do estereótipo mostra-se um desafio a ser conquistado no que tange aos efeitos da ameaça no contexto não experimental. A literatura a respeito da ameaça do estereótipo concentra-se no contexto limitado do laboratório, com local e duração programada. Entretanto, coadunando com o argumento de Quinn et al. (2010), há uma necessidade de investigar a ameaça dos estereótipos em contexto de vida real, na qual os indivíduos sofrem a ameaça continuamente, e averiguar os reais efeitos que esta dinâmica assumirá na vida social do indivíduo, que é constituído de identidade múltiplas.

Quinn et al. (2010) afirmaram que a experiência da ameaça dos estereótipos pode ser comparada às experiências de preconceito e discriminação. Entretanto, esta afirmação abre espaço para uma ampla problematização de como deve ser a experiência de se viver com uma identidade estereotipada. Os efeitos da ameaça dos estereótipos, certamente, não se limitam aos resultados apresentados nos experimentos. A exemplo, pode-se refletir como ela pode influenciar na escolha da vida profissional de uma pessoa que possui identidade estereotipada e vive num contexto altamente ameaçador a sua identidade, conforme os achados de Santos (2018). Portanto, ainda há outros caminhos e direcionamentos a serem abordados pela teoria da ameaça dos estereótipos, os quais necessitam de maiores esclarecimentos sobre os seus efeitos para além dos limites experimentais.

